

AQUISIÇÃO DA ESCRITA DE JOVENS COM SÍNDROME DE DOWN

PEREIRA, Carolina a Silva
UFPEL

RANGEL, Gilsenira e Alcino
UFPEL

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho é um recorte da pesquisa “Aquisição da Escrita por crianças e jovens com Síndrome de Down”, desenvolvida sob orientação da prof^a Gilsenira Rangel, na Faculdade de Educação/UFPEL, que tem por objetivo compreender como se dá o processo de aprendizagem da escrita nesses sujeitos.

Os estudos de Ferreiro (1996), apontam para uma nova compreensão do processo de aprendizagem da escrita. Hoje, sabe-se que a leitura e a escrita são sistemas reconstruídos paulatinamente, onde compreende-se que as primeiras escritas feitas pelos educandos no início da aprendizagem devem ser consideradas como produções de grande valor, porque, de alguma forma, os seus esforços foram colocados nos papéis para representar algo. Neste sentido, entende-se por escrita, a representação da linguagem. Ferreiro também acredita que “O desenvolvimento da alfabetização ocorre, sem dúvida, em um ambiente social. Mas as práticas sociais assim como as informações sociais, não são recebidas passivamente pelas crianças” (1996, p.24).

Em sua pesquisa sobre a construção da escrita, Ferreiro (1999) analisou que os sujeitos percorrem por estágios de aprendizagem, e que qualquer criança, considerada intelectualmente “normal” passará por todos estes estágios progressivamente. Assim definidos pela autora, pré-silábico, silábico, silábico-alfabético e alfabético. No Estágio pré-silábico a criança não faz relação grafema-fonema, e é comum a utilização de desenhos, para representar a escrita; no estágio silábico, a criança atribui valor sonoro a cada uma das letras, ou seja, para cada sílaba ela grafa um sinal que pode até ser uma letra; no estágio silábico-alfabético a criança faz uma análise que vai além da sílaba, pois entra em conflito entre a hipótese silábica e a quantidade mínima de letras. Nesse caso, ela pode atribuir ora uma ora mais de uma letra a cada som emitido ou a ser representado; e no estágio alfabético a criança compreende o sistema de escrita alfabética e faz relação grafema-fonema, embora nem sempre grafe ortograficamente.

Em relação à Síndrome de Down, esta foi a primeira síndrome associada a uma alteração cromossômica. Na realidade, é um desequilíbrio na constituição dos cromossomos, ou seja, é a presença de um cromossomo a mais no par 21, ao invés de 2 ficam 3, totalizando 47 e não 46 cromossomos, caracterizando-se, assim, como trissomia do par 21.

As características físicas das pessoas com a síndrome são semelhantes e normalmente podem ser notadas pela sua aparência, mas não apenas, desde o nascimento, porém em relação ao comportamento e ao desenvolvimento, não ocorrem da mesma forma, ou seja, não há um padrão entre as crianças com a síndrome, pois de acordo com Voivodic (2004) tanto um quanto o outro, não dependem exclusivamente da alteração cromossômica, e sim do restante do potencial genético e das influências do meio em que a criança vive.

Neste trabalho, pretendemos verificar, através da aplicação e análise do teste das quatro palavras e uma frase elaborados por Ferreiro e Teberosky (1999), se realmente o desenvolvimento cognitivo de uma pessoa com a síndrome de Down, no que tange à aquisição da escrita, é semelhante ao de uma pessoa sem a síndrome ou apresenta diversidades, baseando-nos na idéia de que o “desenvolvimento de pessoas com a síndrome resulta não só de fatores biológicos, mas das importantes interações com o meio”(VOIVODIC, 2004, p. 46) e no estudo realizado por Rangel (2006) a qual

verificou que duas crianças com síndrome de Down pesquisadas, passaram pelos mesmos estágios psicogenéticos no processo de aquisição da aprendizagem da escrita comparado às crianças sem a síndrome.

2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

Para verificar se os sujeitos com síndrome de Down passam pelos mesmos estágios do que o sujeito sem a síndrome, utilizamos o teste das quatro palavras e uma frase de Ferreiro e Teberosky (1999). A pesquisa possui uma abordagem quantitativa, uma vez que pretende verificar esta hipótese na escrita de dez jovens e adultos com Síndrome de Down, sendo quatro do sexo feminino e seis do sexo masculino, com idades entre 15 a 33 anos. Estes jovens são participantes do projeto de extensão, denominado Projeto Novos Caminhos: alfabetizando jovens com necessidades especiais, coordenado pela prof^a. Gilsenira Rangel, na Faculdade de Educação, na UFPel, destinado a jovens com necessidades especiais que ainda não estão alfabetizados. Os testes começaram a serem aplicados em novembro de 2009, coincidindo com início do projeto, tendo por objetivo perceber o que estes alunos sabem sobre a escrita. Para tanto, utilizamos as seguintes palavras: cotovelo, cabelo, boca e pé, e a seguinte frase: O cabelo é bonito. Os testes foram aplicados individualmente, sendo os alunos retirados da sala de aula, ficando em contato somente com a pesquisadora, para não haver interferência nos resultados.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados, até agora, indicam que dentre os dez testes realizados com estes jovens, cinco estão em estágio pré-silábico, ou seja, não fazem relação grafema-fonema. Dentro deste mesmo estágio podemos observar que há diferentes níveis de aprendizagem. Por exemplo, no primeiro teste o jovem utilizou-se apenas de rabiscos para escrever, mostrando que ainda não atribui sentido ao uso de letras na escrita, poderíamos dizer que este se encontra na primeira fase do estágio pré-silábico. No segundo teste o sujeito utiliza-se de números ao invés de letras, para ele não há diferença entre estes dois sistemas. E no último teste o sujeito faz uso apenas de vogais, demonstrando que já há compreensão de que para escrever utilizamos letras, porém o sujeito não modificou o ordenamento destas na escrita, ou seja, em todas as palavras ele utilizou a mesma ordem de letras. Desta forma o jovem não tenta diferenciar uma palavra da outra, assim é como se todas as palavras fossem escritas da mesma forma. Outro fator interessante é a hipótese de quantidade mínima de letras, ou seja, para quase todas as palavras, ele utilizou quatro letras. Observamos também que o sujeito utilizou apenas quatro vogais, excluindo a vogal – e -, talvez por desconhecê-la.



Figura 1: Testes dos jovens em estágio pré-silábico

Constatamos apenas uma jovem em estágio silábico, porém em algumas palavras ela oscila entre o estágio pré-silábico e o silábico-alfabético. Observando a escrita da jovem, percebemos que ela utilizou a hipótese de quantidade mínima de letras ou sílabas, ou seja, todas as palavras foram escritas com duas sílabas, normalmente com quatro letras a não ser a primeira, a qual ela escreveu com cinco letras. Na primeira e segunda palavra, cotovelo e cabelo, a jovem inicia fazendo relação grafema-fonema, porém não termina com a mesma relação. Por exemplo, na palavra cabelo ela utiliza a sílaba -ca- para a sílaba -ca- de cabelo, a letra -s- para a sílaba -be- e a letra -a- para a sílaba -lo-, ou seja, uma letra para cada sílaba. Já a palavra boca foi escrita alfabeticamente, mostrando a relação correta entre grafema-fonema. E a última palavra - pé - a jovem escreveu em seu lugar a palavra -sapo- mostrando o conflito entre a hipótese de quantidade mínima de letras e a escrita de uma palavra monossílaba. Este teste demonstra que um sujeito pode estar, ao mesmo tempo, em mais de um estágio.

1) COMIA
 2) CASA
 3) BO CA
 4) SA PO

FRASE:
Alcaí Fant E É tan BonéSTA.
#1 11 20 20 9

E por último, constatamos que quatro jovens estão em estágio alfabético, oscilando para o estágio alfabético-ortográfico. No primeiro teste a jovem se atrapalha na última palavra, pois está é monossílaba, e acaba repetindo a mesma sílaba, escrevendo -pepe- ao invés da palavra -pé-, demonstrando o conflito da hipótese de quantidade mínima de letras, porém esta mesma jovem já adquiriu noção da acentuação. Já no segundo teste o jovem apresenta a escrita correta de todas as palavras, porém esquece apenas do acento na palavra -pé-, o que não acontece na escrita da frase na palavra -é-. Estes testes nos mostram que os jovens com síndrome de Down obtiveram a aquisição da escrita, assim como outros sujeitos sem a síndrome.

1) <u>COTOVELO</u>	1) <u>COTOVELO</u>
2) <u>CABELO</u>	2) <u>CABELO</u>
3) <u>BOCA</u>	3) <u>BOCA</u>
4) <u>PEPE</u>	4) <u>PE</u>

FRASE: O CABELO É BONITO FRASE: O CABELO É BONITO

Figura 2: Testes de jovens em estágio alfabético-ortográfico.

A preocupação nesta parte deve ser a de expor o que já foi feito até o momento, quais os resultados encontrados e o estado em que se encontra o trabalho. Esta parte serve também para que o autor evidencie o desenvolvimento

do trabalho, ou seja, a análise do trabalho de campo e do objeto de estudo propriamente dito.

4 CONCLUSÕES

A partir desta pesquisa, percebemos que sujeitos com Síndrome de Down podem avançar e progredir significativamente na aprendizagem da escrita, já que podemos observar os estágios definidos por Ferreiro e Teberosky (1999). Devemos considerar que alguns jovens, que mostraram estar no estágio alfabético, estudaram em escolas regulares ou especiais, portanto, já possuíam conhecimentos sobre a escrita, o que mostra que é possível a aquisição da escrita por jovens com síndrome de Down. Em relação aos demais jovens, embora ainda estejam em estágios “menos avançados”, acreditamos que todos avançarão, através da mediação dos professores do Projeto Novos Caminhos, pois como sabemos a partir dos estudos, o meio é grande facilitador da aprendizagem. Assim pretendemos dar continuidade e acompanhar a aquisição da escrita destes jovens, no decorrer do projeto.

5 REFERÊNCIAS

- FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- FERREIRO, Emilia. **Alfabetização em Processo**. São Paulo: Cortez, 1996.
- VOIVODIC, Maria Antonieta M. A. **Inclusão escolar de crianças com síndrome de Down**. Petrópolis/ RJ: Vozes, 2004.
- RANGEL, Gilsenira. **Aquisição da escrita em crianças com síndrome de Down**. Alfabetização e Letramento. Vol. 1, nº 1. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, 2006.